

Mulheres negras e *escrevivência* em Conceição Evaristo

Diana do Carmo Teixeira^{*}; Tamires Guimarães do Nascimento^{**}

e Thaisa Silva Martins^{***}

Resumo:

Este artigo tem por objetivo apresentar algumas contribuições da intelectual negra brasileira Conceição Evaristo, que cunhou o debate acerca da *escrevivência* na cena literária nacional. A autora apresenta, em suas personagens fictícias-reais, estruturas e enredos que prospectam sentimentos líricos a quem as lê, seja de maneira individual e/ou coletiva. Sua escrita é tão singular que, além do olhar capaz de descrever situações cotidianas, insere na narrativa as suas vivências pessoais e se inspira em histórias silenciadas da população afro-brasileira.

Palavras-chave: Conceição Evaristo; mulheres negras; *escrevivência*; literatura brasileira.

Black women and *escrevivência* in Conceição Evaristo

Abstract:

This article aims to present some contributions from the black Brazilian intellectual Conceição Evaristo, who coined the debate about *escrevivência* on the national literary scene. The author presents, in her fictional-real characters, structures and plots that prospect lyrical feelings for those who read them, whether individually and/or collectively. His writing is so unique that, in addition to the way he can describe everyday situations, he inserts his personal experiences into the narrative and is inspired by silenced stories of the Afro-Brazilian population.

Keywords: Conceição Evaristo; black women; *escrevivência*; Brazilian literature.

^{*} Mestra em Serviço Social e Políticas Sociais pela Universidade Federal de São Paulo, Santos-SP, Brasil. End. eletrônico: diana.carmo@unifesp.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1450-6710>

^{**} Mestra em Serviço Social e Políticas Sociais pela Universidade Federal de São Paulo, Santos-SP, Brasil. End. eletrônico: tamii.taguina@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2821-548X>

^{***} Doutoranda em Serviço Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora-MG, Brasil. End. Eletrônico: thaisa19.martins@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6046-5043>

Introdução: aspectos biográficos da autora de escrita insubmissa

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte-MG, em 1946. Nos anos 1970, migrou para o Estado do Rio de Janeiro, onde se graduou em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; tornou-se mestra em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica; doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense; e por quase três décadas esteve como professora da rede pública do estado fluminense.

Conceição apresenta em suas personagens fictícias-reais estruturas e enredos que prospectam sentimentos líricos a quem a lê, seja de maneira individual e/ou coletiva. Sua escrita descreve situações cotidianas e insere na narrativa as suas vivências pessoais, sua inspiração em histórias silenciadas da população afro-brasileira. Desta forma de criar, a autora nos apresenta a *escrevivência*. A discussão sobre o significado deste termo nos revela uma prática literária de escrita, sobretudo, de mulheres negras, representando o ato de enfrentar o silenciamento, historicamente, imposto pela escravização dos nossos corpos.

A trajetória de Conceição Evaristo, produziu e produz importantes obras para a literatura brasileira. Poetisa, contista, romancista e professora, ela traduz em suas obras a constância de seus sentimentos, baseados, sobretudo, em suas vivências de enfrentamento ao racismo. Conceição sempre demarca o quanto a nossa subjetividade interfere, compõe e ao mesmo tempo é produzida por meio da escrita. Subjetividade e escrita caminham juntas, uma não se separa da outra, o que nos ajuda a pensar sobre a importância da produção de conhecimento, para além da esfera meramente acadêmica e escolar, isto é, algo que nos leva à aproximação do sentido de *escrevivência*.

De família humilde, sua mãe exercia atividades de lavadeira e passadeira. E estimulava constantemente Conceição a estudar e mudar a sua realidade por meio da leitura e da escrita. Com oito anos de idade, a autora já exercia atividades domésticas para terceiros, o que se estendeu durante sua adolescência. Estas atividades, que lhe rendiam pouco, foram desenvolvidas também em casa de professores. Assim, garantiu aulas particulares e livros que serviam não somente para ela, mas para seus irmãos.

Na juventude, foi participante ativa dos movimentos de valorização da cultura negra e estreitou na literatura em 1990, quando passou a publicar nos *Cadernos Negros*¹. É uma escritora versátil, que cultiva, especialmente poesia, ensaio e ficção.

Diferentemente da maioria das intelectuais brancas, mas de forma muito parecida com as escritoras negras, a trajetória de Conceição não partiu da academia.

¹ Sobre os *Cadernos Negros*, consultar, neste volume de *Lutas Sociais*, o artigo de Luciene França e Silvana Veríssimo (2023).

Sua formação em Letras, garantiu a ela o exercício da docência na rede pública até 2006. Enquanto dava aulas, também desenvolvia pesquisas de mestrado e de doutorado, ao mesmo tempo em que se tornava escritora na área de literatura comparada. Publicou, sobretudo nos *Cadernos Negros*, mais de 40 antologias e mais de 20 textos de não-ficção. Em 2003, publicou *Ponciá Vicêncio*, sua obra mais famosa. Ainda assim, demorou muito para que seu trabalho literário fosse reconhecido nacional e internacionalmente, quando, em 2015, às vésperas de completar 70 anos de idade, na categoria Contos e Crônicas, veio o Prêmio Jabuti, com a obra *Olhos d'Água*. Em 2017, viu sua obra se transformar em exposição cultural, a Ocupação Conceição Evaristo, exibida no Itaú Cultural em São Paulo e no Complexo da Maré, no Rio de Janeiro, em 2017; no mesmo ano em que teve participação consagratória na Flip (Festa Literária Internacional de Paraty). E recebeu, pelo conjunto da obra, em 2018, o Prêmio de Literatura do Governo de Minas Gerais.

Evaristo, em entrevista concedida à *BBC Brasil*, foi enfática ao dizer que é preciso questionar que “regras são essas da sociedade brasileira para vermos uma mulher virar um expoente no campo da literatura só aos 71 anos?” (Carneiro, 2018, s.p.). A autoria negra, observa a autora, “carrega a nossa subjetividade na própria narrativa. A temática negra, principalmente quando trabalha com identidade negra, não é muito bem aceita” (Carneiro, 2018, s.p.). Foi esse racismo entranhado na sociedade brasileira que retardou em 20 anos a aparição de *Becos da Memória*, publicado em 2006. Ciente e ciosa de onde veio, agradece ao movimento social negro por ter sido o primeiro a acolher sua literatura.

Desde o prêmio Jabuti, a produção literária de Conceição Evaristo foi ganhando cada vez mais visibilidade. *LiterAfro* (2022) elencou suas obras individuais e destacou cronologicamente as seguintes: *Ponciá Vicêncio* (2003); *Becos da Memória* (2006); *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008); *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011); *Olhos d'água* (2014); *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016); *Canção para ninar menino grande* (2018); *Azizi, o menino viajante* (2017); *Não me deixe dormir o profundo sono* (2020) e *Fio de prumo* (2020).

Seus contos vêm sendo estudados em universidades brasileiras e do exterior. A pesquisadora Maria Aparecida Andrade Salgueiro (2004) fez um estudo comparativo, destacando as similaridades entre a obra de Conceição Evaristo e a da americana Alice Walker, por meio da sua tese de doutorado, publicada em livro. Ambas as autoras tiveram a oportunidade de se encontrarem na FLIP de 2021, em mesa de debates sobre as raízes e o cultivo da cultura negra nas artes. Evaristo compartilha com a estadunidense um mesmo compromisso literário. Leitora de Walker, a escritora brasileira identifica uma mesma busca na escrita de ambas. Em entrevista a Porto (2021), Conceição ressalta que as duas pensam a literatura a partir de uma perspectiva própria, tomando como paradigma a postura “das nossas mais velhas”, com vistas a compreender como elas faziam a teoria na prática.

A escritora brasileira em 2018 postulou a sua entrada como membro da Academia Brasileira de Letras. A *hashtag* #ConceicaoEvaristonaABL se tornou uma forte campanha nas redes sociais para promovê-la ao posto de primeira mulher negra dentre os membros desta instituição. Apesar disso, a entrada da autora não se efetivou. Isso nos leva a refletir sobre a estrutura racista em que vivemos, bem como na compreensão de que necessitamos organizar novas formas de representação. A escritora vem trilhando um caminho na arte literária que, por sua vez, vem lhe rendendo vários prêmios, indicando que a falta do título da ABL não a faz menos imortal do que os que ali se encontram.

O contato com a sua obra nos possibilita um acesso à realidade brasileira, com uma sensação quase palpável das dores e sentimentos das personagens criadas e descritas por ela. Sua arte está atrelada a uma maneira ímpar de descrever a partir da realidade e das construções sociais que a literatura nem sempre versa. A autora apresenta contextos de indivíduos periféricos, marginalizados, estigmatizados pela sociedade, mas que por meio da sua escrita ganham contornos e camadas que possibilitam ao leitor e à leitora o tráfego à formação sócio-histórica do nosso país.

Em uma sociedade com olhar enviesado pelo e para o branco, Conceição produz arte e manifesto com sua *escrevivência*, descrevendo histórias, em sua maioria de mulheres negras, oprimidas e discriminadas racialmente, abordando elementos que quebram os valores impostos às suas ancestralidades, reforçando e empoderando suas personagens face à sociedade racista. Suas obras marcam e sua escrita tem um peso, pois resumem de fato as construções históricas do Brasil, alardeando detalhes quanto à dita democracia racial, que invisibiliza a população negra, quanto às dificuldades de acesso às políticas públicas e no que diz respeito aos mecanismos que aprisionam a população negra brasileira em lugares inferiores, minimizando suas dores.

Reflexões sobre *Escrevivência*: uma grande contribuição de Conceição Evaristo

A partir da *escrevivência*, Conceição Evaristo denomina esta prática literária experienciada há muito tempo pelo povo negro. Em sua dissertação de mestrado, defendida em 1995, a autora cunha o termo e o amplia, possibilitando que o termo não se restrinja às pesquisas acadêmicas, mas que seja reconhecido como algo que, por ser inerente à própria vida, é dinâmico. Portanto, não é uma prática fechada ou um termo acabado em si mesmo.

No livro *Escrevivência, a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, o termo aparece como objeto de estudo de profissionais de diversas áreas, sendo discutido tanto nacional como internacionalmente (Nunes, 2020). O livro aglutina pesquisas das áreas da comunicação, literatura, educação etc., demonstrando que a *escrevivência* se constitui como um campo profícuo de produção de conhecimento,

ratificando o legado que as intelectuais negras nos trazem, uma vez que o sentido gerador do termo vem das mulheres negras.

A partir do contato com a *escrevivência*, torna-se possível constatar que a nossa subjetividade não se separa da nossa escrita, pois além de não existir uma escrita neutra, a dimensão da individualidade, enquanto construto social, não se distancia da nossa ação e, ao mesmo tempo, a nossa individualidade se constrói a partir dessa ação. Por conseguinte, a nossa escrita aqui, neste texto, não se separa do nosso reconhecimento como mulheres negras pesquisadoras, que se aproximam e experimentam o ato de *escrever*.

É importante destacar que o sistema capitalista, no qual vivemos, é movido, se fundou e se consolidou, para atender interesses de um grupo específico, o dominante, e não para contemplar os interesses de todas as pessoas que compõem esta sociabilidade. Este sistema impõe um projeto de classe, com bases racistas, patriarcais e sexistas. O capitalismo, como modo de produção, hoje, global, se manteve alinhavado a projetos de colonização, que dizimou e escravizou a população negra e indígena. A perseguição se estendeu também às mulheres e a seus corpos, configurando o fenômeno de “caça às bruxas”, importante para o desenvolvimento do sistema capitalista, sobretudo, entre os séculos XVI e XVII, como salienta Federici (2017).

Ao pensarmos, especificamente, o continente americano, cabe considerar a pertinência de Quijano (2005) que argumenta que raça e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social, indissociável do processo de colonização das Américas. A ideia de raça produziu novas identidades históricas, neste processo. As identidades criadas se expressam, por exemplo, nas do negro e do indígena, ao mesmo tempo em que outras foram redefinidas como a do europeu, identificada com o colonizador. Isto contribuiu para o fato de que na realidade das Américas pudéssemos verificar uma divisão racial do trabalho, a qual possibilitou que o sentido de humanidade estivesse associado ao protótipo de um *sujeito universal*, criado no processo de colonização, alicerçado na perspectiva de um sujeito masculino, branco, europeu e heterossexual, etc.

Aníbal Quijano desenvolve o conceito de *colonialidade do poder*, indicando que, mesmo após o fim do período colonial, é possível constataremos nas atuais formas de dominação, as marcas da colonização. Embora o colonialismo seja um período histórico já findado, suas marcas continuam promovendo uma hierarquização racial da população, com expressões contemporâneas do racismo como, por exemplo, a ausência da proteção do Estado nas periferias em contraposição às operações violentas, sob o discurso de “guerra às drogas” e do genocídio da população negra como caminho para atingir a tal “paz social”, como exemplificam Eurico e Rocha (2021).

Logo, o combate às opressões que envolvem gênero, raça, classe, etnia, território e sexualidade estão diretamente vinculados ao debate da destituição do

sentido de humanidade posto pelo capitalismo e a escrita das mulheres negras não pode ser dissociada desse processo. A este respeito, Gonçalves (2018), ao analisar os fundamentos da questão racial no Brasil, considera que embora as correntes formais deixaram de existir, com a data da Abolição da Escravatura, em 1888, o processo para que os/as trabalhadores/as negros/as fossem reconhecidos/as como parte da nação brasileira tornou-se um cortejo longo e intolerável, pois o Estado não implementou políticas que possibilitassem tal incorporação, que dialogassem com uma possível cidadania. No Brasil, o corpo negro tem sido, durante séculos, violado em sua integridade, o que leva e sempre nos levou a desenvolver formas de resistência que estão expressas na formação do nosso país, por meio da dança, da música, da culinária, da religião e, também, da escrita. Conceição Evaristo explicita que:

Tendo sido o corpo negro, durante séculos, violado em sua integridade física, interditado em seu espaço individual e coletivo pelo sistema escravocrata do passado e, ainda hoje, pelos modos de relações raciais que vigoram em nossa sociedade, coube aos brasileiros, descendentes de africanos, inventarem formas de resistência que marcaram profundamente a nação brasileira. Produtos culturais como a música, a dança, o jogo de capoeira, a culinária e certos modos de vivência religiosa são apontados como aspectos peculiares da nação brasileira, distinguindo certa africanidade reinventada no Brasil (2009, p.18).

Apesar de lidar com séculos de apagamento e perseguição dos nossos corpos, nós, mulheres negras, sempre escrevemos, embora o mercado editorial tenha se aberto a este segmento há pouco tempo². Evaristo (2009) afirma que Maria Firmina dos Reis, por exemplo, com o seu romance *Úrsula*, foi a primeira romancista e a primeira mulher a escrever um romance abolicionista no Brasil, em 1859. Firmina nasceu em 1882, na ilha de São Luís (MA), filha de mãe negra ex-escravizada e de pai apresentado como um homem “de posses”³. Começou a estudar de forma autodidata, vindo a ser a primeira professora concursada do Estado do Maranhão, com 25 anos de idade. Maria Firmina dos Reis faleceu em 1917, no município de Guimarães (Arraes, 2017). A imagem de Maria Firmina foi historicamente confundida com a de uma escritora branca, a gaúcha Maria Benedita Borman, o que nos leva a pensar sobre o seu apagamento imposto pelo racismo da sociedade brasileira.

² Como se pode observar com a obra *Carolinas: a nova geração de escritoras negras brasileiras*, lançada recentemente pela Bazar do Tempo. A este respeito, consulte Ludemir (2021).

³ Sobre a trajetória de Maria Firmina dos Reis, consultar neste livro o artigo de Priscila Lira (2024).

Nós, negros/as/es, quando escrevemos, estamos colocando para fora tudo o que passamos, estamos denunciando, resistindo, enfrentando e fazendo valer a nossa voz. Afinal, como questiona Evaristo: “É preciso comprometer a vida com a escrita ou é o inverso? Comprometer a escrita com a vida?” (2007, p.1). A discussão sobre o significado de *escrevivência* se imbrica com este processo, uma vez que a autora denota que a sociedade racista e sexista que enfrenta desde criança, somada ao pertencimento de uma determinada classe social, influenciou e influencia na sua subjetividade. Negar isso, é negar o próprio sentido de *escrevivência*. O termo não é fechado. Por se conectar com a nossa vivência, está imerso em um dinamismo, ainda que tenha uma direção e um sentido, não sendo pertinente, portanto, defini-lo como qualquer tipo de escrita. Sua relação é intrínseca à experiência de vida das mulheres negras.

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não (Evaristo, 2020, p. 30, grifo nosso).

Embora, nós, mulheres negras, possamos escrever sobre tudo como qualquer outro ser humano, a nossa escrita também pode ser compreendida como um enfrentamento às opressões, a partir da direção dada por Conceição Evaristo. Pois o termo “extrapola os campos de uma escrita que gira em torno de um sujeito individualizado. (...) *Escrevivência* surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre” (Evaristo, 2020, p. 38, grifo nossos).

A autora expressa o símbolo da criação da *escrevivência* a partir da mãe-preta escravizada, com a qual a autora se vincula, também como a sua, por se identificar no processo indissociável de escrita e vivência. Na descrição feita pela autora, a mãe lavadeira, que cuida das roupas da “casa grande”, desenha o sol no chão lamacento, com um graveto, para chamar este sol, num gesto em que corpo e escrita se comungam. Aqui, a escrita ultrapassa a alfabetização. Está além desta, como algo bem mais amplo que envolve a resistência de todos/as nós, negros/as/es. E é por isso que o termo *escrevivência* não se fecha, ao contrário, se conecta incessantemente com a experiência da vida vivida.

Concordamos com Evaristo (2020) quando afirma que a escrita nasceu para ela como procura de entendimento da vida. Afinal, como seria possível falar de *escrevivências* de mulheres negras, sendo uma delas, desconsiderando as nossas vivências? A este respeito, a autora observa o seguinte:

Eu não tinha nenhum domínio sobre o mundo, muito menos sobre o mundo material. Por não ter nada, a escrita me surge como necessidade de ter alguma coisa, algum bem. E surge da minha experiência pessoal. Surge na investigação do entorno, sem ter resposta alguma. Da investigação de vidas muito próximas à minha. *Escrevivência* nunca foi uma mera ação contemplativa, mas um profundo incômodo com o estado das coisas. É uma escrita que tem, sim, a observação e a absorção da vida, da existência (Evaristo, 2020, p. 34, grifo nosso).

Texto e experiência da própria Conceição são indissociáveis, como exemplificado no livro *Becos da Memória* (2017), em que a autora explicita, na introdução que a narrativa abordada ali nasceu nos anos 1980 e, logo, é anterior à escrita do romance ali impresso, assim como de seu primeiro romance publicado, *Ponciá Vicêncio*. Este foi o seu primeiro experimento em construir um texto ficcional que fundia e confundia escrita e vivência: “talvez na escrita de *Becos*, mesmo que de modo inconsciente, eu já buscasse construir uma forma de *escrevivência*. Arrisco-me a dizer, também, que a origem da narrativa de *Becos da Memória* poderia estar localizada em uma espécie de crônica, que escrevi, ainda em 1968” (Evaristo, 2017, p. 9, grifos da autora).

Isto reforça que mesmo que o termo tenha sido criado pela autora, em sua dissertação de mestrado, em 1995; mesmo sem denominá-lo *escrevivência*, sua utilização prática sempre atravessou a escrita de mulheres negras. Carolina Maria de Jesus, por exemplo, no seu primeiro livro publicado, em 1960, o célebre *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, narra em forma de diário o seu cotidiano com sua constante busca pela sobrevivência na favela, por meio de uma linguagem simples, direta, comovente e com um extremo realismo que toca a quem lê. Observamos as marcas da violência, do alcoolismo, da negligência do poder estatal e do constante descaso da política brasileira. Neste contexto, o que pode ser ratificado pela leitura de *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo. Não por acaso, a autora já indicou em entrevistas como na Revista Periferias (2018), o quanto Carolina lhe inspirou.

Em *Becos da Memória* é muito marcante os relatos de violência doméstica, alcoolismo, fome etc., dentro do ambiente da favela, como expressões da vida de um povo, que convive com a constante ameaça de remoção alicerçada por injustos projetos de reurbanização. A marca da ancestralidade no perfil da personagem Vó Rita, por exemplo, é articulada à condição da mulher negra, base da pirâmide social, e ao imaginário da “mãe-preta”, a escravizada que, além de cuidar de sua prole, se encarrega do cuidado com os/as filhos/as do escravocrata. Não por acaso, a

personagem é considerada a “mãe de todos”, desenvolvendo, inclusive, a função de parteira na comunidade. Merece destaque igualmente o legado recebido pela personagem Maria Nova, a adolescente que observa, critica, indaga e que toma para si a tarefa de escrever outra história para o seu povo, diante do desfavelamento. É emblemática a imbricação com a própria trajetória de Conceição Evaristo, que se reconhece na personagem. Trata-se de um discurso “que é tão político quanto pessoal e poético”, parafraseando Grada Kilomba (2020, p.59).

Portanto, a *escrevivência* sempre vem carregada de uma direção contra hegemônica, de uma perspectiva de transformação, isto é, de uma prática literária que se conecta, necessariamente, com a experiência vivida, em que o corpo e a história se fundem, se confundem.

À guisa de conclusão

O sentido da *escrevivência* rompe com a ideia de que apenas certos locais, visões, escritos, personagens etc. são reservados a pessoas negras. Podemos escrever, falar de tudo, produzir ciência sobre absolutamente tudo e, por isso, o termo *escrevivência* não se fecha, ainda que tenha uma direção. O termo demarca algo que a história, tida como universal, fez questão de negar, de apagar, levando à necessidade de demarcar cada vez mais este lugar de pertencimento que é nosso, que é amplo, diverso e plural, como é o nosso povo.

Ao mencionarmos, por exemplo, a “literatura feminina negra”, consideramos a necessidade de destacar de que não estamos falando de algo homogêneo ou de um segmento daquilo que é considerado universal, qual seja, a literatura produzida por homens brancos. Estamos enfrentando a invisibilidade, as vozes silenciadas, a escrita apagada. Nossa tarefa, cada vez mais, é a de ressaltar a contribuição que nós e nossos/as ancestrais damos a este país, pois “a nossa *escrevivência* não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (Evaristo, 2007, p. 2, grifo nosso). Este termo vem para trazer incômodo e transformação. E é por isso que aqui estamos.

Referências

- ARRAES, Jarid. *Heroínas Negras Brasileiras*: em 15 cordéis. São Paulo: Seguinte, 2020.
- CARNEIRO, Julia Dias. É preciso questionar as regras que me fizeram ser reconhecida apenas aos 71 anos, diz escritora - Entrevista com Conceição Evaristo. *BBC Brasil*. 09 Mar. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43324948> Acesso em 03 Out. 2022.

- DORALI, Ivana. Conceição Evaristo: imortalidade além de um título. *Revista Periferias*. Jul. 2018. Disponível em: <https://revistaperiferias.org/materia/conceicao-evaristo-imortalidade-alem-de-um-titulo/>. Acesso em 30 Mai. 2022.
- EURICO, Marcia; ROCHA, Roseli. A centralidade do debate étnico-racial no trabalho profissional. In: ELPÍDIO, Maria Helena; SILVA, João Paulo; ROCHA, Roseli (Orgs). *Desafios para o Serviço Social na luta antirracista: questão étnico-racial em debate*. São Paulo: Annablume, 2021.
- EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância; NUNES, Isabela (orgs.). *Escrivivência - a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 26-46.
- _____. et al. *Seminário A escritvivência de Conceição Evaristo: primeiro dia*, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bzwGCFEkef4>. Acesso em 22 Jul. 2021.
- _____. *Becos da Memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- _____. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.
- _____. Da grafia desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marco. *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p. 16-21.
- FEDERICI, Sílvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017.
- FRANÇA, Luciene Alves; VERÍSSIMO, Silvana. Esmeralda Ribeiro, uma história de luta e sobrevivência afrocentrada. *Lutas Sociais*, vol. 27, n. 51, p. 202-214, 2023.
- GONÇALVES, Renata. Quando a *questão racial* é o nó da *questão social*. *Revista Katálisis*, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 514-522, 2018.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Editora Ática, 2001.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*. Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro, Cobogó, 2019.
- LIRA, Priscila Lemos. Maria Firmina dos Reis – a mina! In: GONÇALVES, Renata (org.). *Intelectuais negras brasileiras*. São Paulo: Tikinet, 2024 (no prelo).
- LITERAFRO. *Conceição Evaristo é vencedora do Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura*. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/noticias/1030->

- conceicao-evaristo-e-vencedora-do-premio-governo-de-minas-gerais-de-literatura>. Acesso em 30 Mai. 2022.
- LUDEMIR, Júlio (org.). *Carolinas: a nova geração de escritoras negras brasileiras*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo; Flup, 2021.
- NUNES, Isabela. Sobre o que nos move. In: DUARTE, Constância; NUNES, Isabela. (orgs.). *Escrevivência - a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- PORTO, Walter. Conceição Evaristo e Alice Walker falam da busca por suas mães na literatura. *Folha de S. Paulo*, 03. Dez. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/12/conceicao-evaristo-e-alice-walker-falam-da-busca-por-suas-maes-na-literatura.shtml> Acesso em: 22 Ago. 2022.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. *Perspectivas latino-americanas*. Disponível em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em 05 Dez. 2022.
- SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade. *Escritoras Negras Contemporâneas – Estudo de Narrativas: Estados Unidos e Brasil*. Rio de Janeiro: Caetés, 2004.